[(1881), *Republica Federal*, ano II, nº 7, 31 de Maio (Ponta Delgada)]

ALGUNS FACTOS SOBRE QUE SE BASEIA A TEORIA DARWINISTA OU DA EVOLUÇÃO. I. — A SUCESSÃO GEOLÓGICA DAS FAUNAS E A SUA DEPENDÊNCIA.

A teoria de Darwin, posto que não seja uma doutrina positiva, baseia-se em factos positivos, e, por enquanto, nenhuma outra dá do encadeamento desses factos, uma explicação mais racional e que melhor satisfaça às necessidades do nosso espírito.

Dizer que as espécies foram criadas, porque foram; que a harmonia que existe entre elas e o clima, lhe foi oferecida por Deus no momento em que ele as criou; que elas apresentam, porque apresentam, um imenso número de grupos, cada um com esse *ar de família* em que nós, transformistas, vemos a revelação duma origem comum; sem mais querer indagar; é cómodo sem dúvida, mas não é característico dessa febre do saber por que se tem sempre acentuado, desde as primeiras civilizações que aparecem na história, a ordem superior do cérebro humano.

Tais respostas, hoje mais do que nunca, devem excluir-se da atmosfera de quem deseja pensar.

De parte, com a máxima dignidade humana, o desejo vão de investigar a Causa desconhecida; de parte as hipóteses vãs para explicarem o que pode estar além de Força e Matéria; conquistados estes graus elevadíssimos do pensamento moderno – o espírito tornou-se positivista e não mais se pode contentar com explicações pueris e ociosas. Ele busca hipóteses somente para não andar na treva por entre aquilo que é cognoscível, palpável, demonstrável.

Mas essas hipóteses, hoje mais do que nunca, ele vê-se obrigado a aceitá-las.

E buscá-las e aceitá-las não querendo exigir delas uma prova *directa*, *material*; porque isso vai suportando cada vez mais a qualificação de argumento brutal, tolo até, visto que do lado oposto a impossibilidade de dar uma prova qualquer é então absoluta; mas sim para obter a explicação racional dos fenómenos daquilo a que os adversários (cuja escola jaz para sempre sepultada) chamam ainda a *criação*.

A força principal dos darwinistas está na fraqueza dos seus adversários, como muito bem escreve Carlos Contejean; fraqueza que consiste em não dar explicação de coisa nenhuma.

As hipóteses darwinistas ou evolucionistas, fornecem sobretudo um elevado critério, seguro e que se tem estendido a todos os conhecimentos humanos. As línguas, a política, os costumes, a poesia, as religiões ... ninguém hoje os estuda a fundo e com proveito, sem estar submetido ao critério da escola evolucionista. Vêem-se então pela primeira vez as coisas como elas são, concatenadas, na cadeia eterna e fatal das dependências. Aplicado ao homem, esse critério é o que tem feito, em uma dúzia de anos, criar de novo a que vai sendo a primeira das ciências – a Antropologia, com toda a sua vastidão indispensável, espalhando a máxima luz sobre o passado e sobre o presente da humanidade, conhecendo, porque caminha sem preconceitos, os passos que ela deu para chegar até hoje, a fatalidade desses passos determinada pela concorrência simultânea das cousas universais, conhecendo o que foi impotente para lhe acelerar a marcha do progresso, o que lhe serviu, o que a prejudicou e deduzindo assim, não isolada e aereamente como outrora, o que é preciso fazer para o futuro humano.

Tudo luta: tudo vive.

A luta branda, evolutiva, mesmo submissa; eis a adaptação às circunstâncias, a vida prolongada.

A luta pretensiosa, julgando-se privilegiado, esquecendo que tem de disputar o grão ao rato e à borboleta e o sangue ao mosquito e à pulga, ignorando a sua posição e as suas relações de consanguinidade para com os animais que o rodeiam; eis a vida breve e angustiada para a humanidade.

Conhecer a natureza e saber modificá-la, modificando-se vantajosamente; eis aí a GRANDE CIÊNCIA de hoje e o que será a RELIGIÃO DO FUTURO.

Esta convicção porém, não se adquire sem se estar primeiramente convencido de que a EVOLUÇÃO tem sido o único *fiat* possível em tudo o que existe.

E é por isso que a escola evolucionista sepultou a escola velha, e que a Cuvier são agradecidos os factos descobertos, mas só a Darwin as profundas e sábias conclusões.

Estudemos pois. Vejamos conclusões e factos.

As faunas que têm sucessivamente povoado o globo, apresentam uma dependência evolutiva e uma complicação *numérica e orgânica* crescente.

Seguindo a sua ordem de superposição, vejamos quais os fósseis animais que caracterizam os diversos terrenos de que se compõe a crusta sólida do nosso globo.

Terrenos:	**Fósseis característicos:**
Laurenciano.....	*Eozzon canadense*, Carpenter. (A vida era ainda tão elementar que não estão de todo dissipadas as dúvidas sobre o ser ou não este fóssil um foraminífero ([1]).
Câmbrico	*Encrinites* (estrelas do mar fixadas por um pedúnculo); *polipeiros* (corais, &.).
Silúrico	Ainda as *Encrinites* e os *polipeiros*; mas já os *moluscos*, as *trilobitas* (crustáceos) e *peixes cartilaginosos*.
Devónico	Continuam os *peixes cartilaginosos* e aparece o primeiro réptil, o *Terlepeton Elginense*, de Mant. ([2]).
Carbonífero	Continuam os *moluscos* numa complicação crescente (aparecem as *primeiras conchas em espiral*); os *peixes* têm uma organização semelhante à das *raias* e *esqualos*; mas é sobretudo pelos fósseis vegetais que formam esses imensos depósitos de carvão de pedra que o terreno carbonífero é notável.

([1]) Dollfus – *Princip. de geol. transformiste*, e Claus – *Zool.*
([2]) Dollfus – ibidem.

Pérmico .....Cresce o número dos *polipeiros*, dos *moluscos* e dos *peixes*, em que se vê uma manifesta e íntima *dependência do terr. anterior*, e o *germe do terr. seguinte* ([3]).

Triássico .....As formas das *Encrinites* complicam-se; aparecem *impressões* de grandes *répteis e peixes* e de pés *de aves*. Conchas de *amonites*, de que os argonautas e os náutilos são hoje representantes. *Dentes* (de mamífero?) dum animal a que se deu o nome de *Microlestes* ([4]).

Jurássico .....Importantíssimo pelo número dos fósseis que contém. *Amonites* exibindo *transições muito notáveis* e muitas outras conchas, *equinodermes* (ouriços) *polipeiros*, e sobretudo *répteis gigantescos* e entre eles o *Pterodactylus* que tem da ave no bico e do morcego na asa. Aparecem também os primeiros *mamíferos* bem determinados, mas pertencentes à ordem dos *marsupiais*, isto é, a uma das ordens mais imperfeitas da classe ([5]).

Cretáceo .....*Peixes* de uma *ordem superior*, ossadas de *aves* da família dos *pernaltas*, uma imensa variedade de *conchas marítimas*, algumas delas *já precursoras das espécies actuais.* A ordem dos *marsupiais* fornece (até 1874) 14 espécies em 5 géneros ([6]); vestígios de *cetáceos* (baleias, &.)

Terciário .....Abundam as *conchas terrestres e marinhas* em parte *comuns com o terr. anterior* e em parte cada vez mais *precursoras da época seguinte.* São sobretudo notáveis os esqueletos de mamíferos gigantes: *Anoplotherium, Paleotherium, Dinotherium, mastodontes, rinocerontes, hipopótamos, castores, pássaros, répteis, insectos.* Aparecem pela primeira vez os *macacos* que os transformistas consideram como longínquos antepassados da espécie humana.

([3]) Ibidem, ibidem.
([4]) Langlebert – *Hist. naturele*.
([5]) Beudant – *Geologie*.
([6]) Dolfus – *Geol. transf*.

Quaternário .....As espécies perdem cada vez mais da sua comunidade com o terr. anterior para se nos mostrarem idênticas às espécies que hoje vivem. Aparecem o *mamute* (elefante de dimensões enormes), os *rinocerontes, o urso das cavernas, as hienas, os macacos e crânios e ossos humanos,* por enquanto considerados como pertencentes ao homem primitivo.

Juntamente com os restos fósseis do terr. Quaternário encontra-se grande número de instrumentos de pedra e de osso (machados de sílex, buris, agulhas, facas, apitos), primeira indústria do homem e que se continuou até nós nessas tribos selvagens para que ainda bastam instrumentos tão grosseiros.

O selvagem (forma retardatária do homem primitivo) deve o seu atraso ao meio em que vive: o clima excessivamente quente ou frio, tolhendo-lhe os movimentos enérgicos, a facilidade de encontrar o alimento, o não poder recorrer senão a umas peles ou a necessidade mesmo de dispensar o fato, deixaram o homem primitivo sem estímulo, e a obrigação de lutar constantemente com os animais ferozes, tornou-o feroz e bestial também.

Pelo contrário, o homem civilizou-se, tornou-se perfeito (como não tinha sido *criado*) pela necessidade de cultivar o solo que, nos países temperados que habitava, lhe não fornecia espontaneamente a alimentação própria, e, não tendo a convivência dos animais ferozes, impróprios desses países, tendo só a disputar o terreno ao seu semelhante, à força de repelir o homem pelo homem, tornou-se humano, escreveu bíblias e códigos, fez papas e reis, templos e palácios, hospitais e escolas, bibliotecas e museus.

A necessidade, a modificação tendente a adaptar, enfim a *luta pela existência* e os seus efeitos que o ilustre Darwin foi o primeiro a expor com um engenho tão admirável, foram os motivos de todo o progresso e de todo o estacionamento.

Como o selvagem, todas as formas simples, primárias, retardatárias também e que chegaram até nós, têm a sua razão de ser nas condições de vida em que por muito tempo se acharam, e, se hoje as encontramos vivendo ao lado das mais diversamente complicadas, isso será devido às migrações, e a inalterabilidade aparente que apresentam, deve atribuir-se à poderosa influência da hereditariedade e a que, pela especialização crescente das funções universais e multiplicação consequente das substâncias nutritivas, o mesmo país pode presentemente satisfazer a uma muito maior diversidade de exigências.

Assim a aclimação duma planta, pode determinar a aclimação dum insecto, e consequentemente a dum pássaro guloso daquele insecto e a de um carnívoro guloso daquele pássaro.

É assim que se deve compreender largamente a actual *distribuição geográfica* dos animais e das plantas.

Em tudo há uma harmonia perfeita, uma prova evidente da adaptação lenta: nos países frios, o céu triste, a folhagem monótona dos pinheiros e abetos, a plumagem terna das aves; nos trópicos, o céu azul, a folhagem brilhante e vivamente colorida, a plumagem metálica. Cada país tem a sua fauna especial, os seus animais que lhe são próprios ainda que apresente uma grande parte em comum com os países circunvizinhos.

Viver é adaptar-se, e, para se adaptar é forçoso modificar-se.

Variar ou morrer, eis a grande lei que rege a manifestação morfológica da Força e da Matéria, isto é, a única garantia da Forma.

(Continua)